

Poema

Cidade dos passarinhos: um nome original

Aluna: Beatriz Sayuri Yoshida

A cidade onde moro
Sem demora vou falar
É um lindo ambiente
Tranquilo de se morar.

Terra roxa, assim é chamada
Por muitas pessoas
Arapongas terra adorada.

“Cidade dos passarinhos”
Assim é reconhecida.
Cidade de boa gente
Com qualidade de vida.

As ruas recebem os nomes
Com tamanha intenção
Só nomes de passarinhos
que geram até confusão!

Bem-te-vi e Rouxinol
Tico-tico e Beija-flor
Rolinhas e Pintagol!
Pelicano e Condor.

Às vezes é complicado
Mas é muito engraçado!

Vejam só os Pica-paus!
Pica-pau, Pica-pau-amarelo
Pica-pau-do-campo,
Pica-pauzinho-manchado
Pica-pau-verde, Pica-pau-loiro
Pica-pau-real, Pica-pauzinho-dourado.

Sabiã-pardo, Sabiã-branco,
Sabiã-castanho, Sanhaço-azul,
Sabiã-vermelho, Sanhaço-verde.
Só não tem rua Urubu.

E assim, cada rua
Tem nome especial
No Brasil é uma das cidades
Bem original.

Já estou preocupada
Quando me casar!
Com tantas espécies na fauna
Hã de se encontrar
Um nome de passarinho
Para a rua do meu futuro lar?

Poema

Cidade marcada a ferro

Aluno: Alexsandro Matheus de Queiroz Sobrinho

Se acaso "ocê" tiver tempo
para uma história escutar
vai conhecer nessa prosa
um pouco do meu cantar
que é história que se canta
quando se conta um lugar.

Quando essa terra, seu moço,
não tinha o nome que tem
era um simples povoado
que abrigava homens de bem,
senhores donos de gado
e gente humilde também.

Uma frondosa oiticica
o centro dali marcava
e ali sentavam vaqueiros
que da lida descansavam
e o tronco daquela árvore
a ferro forte marcavam.

De marcar com precisão
o tronco com quente ferro,
ferro que ferrava o gado,
ferro com que o homem ferra,
deram a minha cidade
o nome de Pau dos Ferros.

Pois dessa terra, seu moço,
o tempo fez outro povo:
homem que andava a cavalo,
sem rodovia e semáforo,
estacionamento ou carro,
hoje vê um mundo novo.

O pão de cada manhã
do "trigo" de cada dia,
o povo tirava da terra,
do que plantava, comia,
hoje muito do que compra
vem de outra freguesia.

Um céu de lua e de estrelas
encantava os namorados,
hoje, luzes amarelas
não deixam tão encantados
casais que enfeitam as praças
a andar de braços dados.

Hã, porém, nessa terrinha
que Deus do céu povoou
um povo simples e alegre
feito mariposa em voo.
Valente feito lagarta,
que do casulo voou.

Poema

Meu pedaço de terra vermelha

Aluna: Pâmela Aparecida de Oliveira

O vento vem...
Brisa brava me cutuca
Sopra bem na minha nuca
Varrendo logo a vontade
de dormir até mais tarde.

Tic-tac... tic-tac...
O relógio faz barulho
Galo alegre também canta
me encantando para acordar.

Esse tempo corre tanto!
E parece me levar
Há poeira na estrada
— redemoinho de areia —
Vento que venta sem parar...

Voam aves lá no céu
Enquanto a boiada
Aposta corrida em disparada
“— Quem vencer vai ganhar mell!”

O vento vem...
Agora veloz como a água
Toma banho na lagoa
Pula, brinca, bebe água!

Daqui olho o “terrerrão”
Vem vindo na ventania...
Joga para lá e para cá o café
Verde no pé – preto no chão.

Esse pedaço de terra vermelha
Varrido pelo vento
que vem
É o meu mundo
Pequeno – grande – profundo!

Poema

Não ter onde morar

Aluno: Fábio Henrique Silva Anjos

Eu moro em São Paulo
Bairro do Jaçanã
Eternizado por Adoniran.

Confusão na vila
Nunca vi uma coisa daquela!
Em questão de instantes acabou a favela.

Muitos barracos no chão
É hora da desapropriação.
Cada tábua que caía, doía meu coração.

E a população?
Ficou sem eira, nem beira, nem chão.
Houve até manifestação!

Sem ter onde morar
Fiquei sem lar.
A favela era o meu lugar.

Agora só resta a mudança
Acreditar na esperança
Ainda sou uma criança
E espero a bonança.

Palavras do poeta inspiram lembranças.
Saudosa maloca, maloca querida.
Lã na terra “nóis passemos”
“Dias feliz” da nossa vida.

Quero um mundo melhor
E sair dessa pior.
Já são onze horas, não posso perder o trem
Que já vem... Que já vem... Que já vem....

Poema

Olhar diferente a cidade

Aluno: Luan Florêncio de Morais

Era uma vez um menino
que gostava de brincar.
Mas era tão solitário
que não gostava de falar.

Era uma vez um menino
que até sabia andar.
Tinha vários brinquedos
que não podia olhar.

Era uma vez um menino
que aprendeu a ler pontinhos
e gostava de aprender.

Era uma vez um menino
que ia ao bosque brincar.
Escutava muitos pássaros
E no parque ia escorregar.

Era uma vez um menino
que já virou um adulto.
Comprou um cachorro,
mas ainda ficou no escuro.

Era uma vez um homem
que gostava da cidade.
Andava em torno dela
com toda a sua coragem.

Era uma vez um homem
que ia muito para feira.
Comprava várias coisas
e comia muita besteira.

Era uma vez um homem
que encontrou uma namorada.
Teve o primeiro filho
e também comprou uma casa.

Era uma vez um homem
que adorava a cidade.
Não podia ver, mas ali
encontrou a felicidade.

Memórias literárias

Chão varrido

Aluna: Eduarda Moura Pinheiro

Não quero esquecer aquele cantinho só meu, cheio de vida, de sons e de cores que há muito tempo só existe em minha memória: a casinha de tábua onde morávamos; o fogão a lenha num dos cantos da cozinha, que tismava tudo, manchando de preto narizes, paredes e o teto de palha; a casa de farinha – lugar de suplício para mim, que odiava lavar mandioca –, e a densa floresta ao redor, interrompida por pequenos roçados, de onde papai e mamãe tiravam, com muita dificuldade, o sustento da família...

Ali, meus velhos só viviam para o trabalho. E aos sábados, que nem burrinhos de carga, lotados de cestas, iam ao antigo mercado vender o que colhiam na lavoura e comprar o rancho, como denominavam a feira semanal.

Eu, menina levada, e minhas três irmãs, apesar dos trabalhos que éramos obrigadas a fazer (“pastorar” arroz, raspar e lavar mandioca, arrancar ervas daninhas dos roçados), nos divertíamos também. Brincávamos de casinha, de esconde-esconde e, às vezes, quando papai nos mandava pastorar o plantio do arroz, para enxotar passarinhos, nós aproveitávamos para jogar pedrinha – diversão arriscada, que papai nem sonhava acontecer! Por isso quando víamos vir em direção do roçado, começava a gritaria desenfreada: “Xô, passarinho, xô!”.

Mas eu gostava mesmo era de ir ao roçado sozinha, porque ali procurava um galho de alguma árvore caída e passava a tarde me balançando e cantando o mais alto que eu podia. Eu adorava cantar e achava que estava abafando! Gostava de ouvir o eco da minha voz mata adentro...

Porém, as lembranças que mais me emocionam são da natureza e da simplicidade da vida naquele recanto: os riachos de água límpida e fria, onde passávamos parte do tempo nos banhando, mesmo a contragosto de nossos pais; as plantinhas de cores variadas, cheias de besouros coloridos; as espigas de milho, que para mim eram bonecas de cabelos

lindos – cor-de-rosa, amarelinho, esverdeado...; os passarinhos diversos: rolinhas, curios, beija-flores, sanhaços e outro montão de que nem me lembro mais os nomes. Nunca me esqueci do canto da passadeira ao amanhecer: era trinado sem fim, uma festa diária na mata. Durante o dia, o céu limpinho me parecia ter sido varrido por alguém, assim como eu varria o terreiro. Santa inocência!

E as noites de verão? Como me encantavam as sombras das árvores que a lua cheia projetava no terreiro, onde ficávamos até mais tarde observando as estrelas, contando-as, nomeando-as, e elas me pareciam mais numerosas que hoje, penduradas no céu como enfeites de árvore de Natal... De repente, aquele estado de contemplação era interrompido por um tiro no meio da mata. Era uma armadilha de papai anunciando que havia paca ou tatu para o almoço de domingo. E lá se ia meu velho herói, portando um terçado, uma lanterna a pilha, e acompanhado de um vira-lata corajoso em busca de caça já agonizante. Tempos bons aqueles!

Mas, hoje, só saudades... Daquele lugar mágico, que minha memória resgata com tanta vivacidade, só vejo breves resquícios, prestes a se desfazerem também. Aquela exuberância em verde e vida de toda a natureza ao redor foi apagada em nome do progresso. Pouco a pouco, o verdor da floresta foi sendo engolido pela motosserra, as águas, lambidas pelo fogo, as matas tombaram e cederam lugar a ruas, casas, igrejas, escolas, pastos... E eu, impotente, assisti a tudo, dando a cada dia um novo adeus lacrimajante a algum elemento que se ia embora, sem chance de regresso.

Mataram-me a mata e parte da minha história, destruíram meus castelos de sonho, e nada pude fazer para impedir. Aquele mundo encantado, que existiu concretamente, e ficava aqui em Cruzeiro do Sul, interior do Acre, agora é abstrato, só existe em minha memória.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Elisângela Oliveira Silva de Araújo, 31 anos.)

Memórias literárias

Memórias de um ribeirinho

Aluna: Daniele Oliveira Cunha

Já faz tanto tempo, mas as lembranças dos meus tempos de infância vividos na zona rural não me saem da memória.

Ao primeiro cantar do galo, meu pai já estava de pé e pronto para começar mais um longo e fatigado dia de trabalho. O vento frio da manhã acariciava nossos rostos, eu e meus irmãos pulávamos da cama e corríamos para a lojinha, atraídos pelo delicioso cheiro de café que só a mamãe sabia preparar. A mesa estava repleta dos produtos da terra, frutos do suor de um incansável ribeirinho que trabalhava de sol a sol para garantir o sustento da família.

E, nos “maravilhosos” dias de sol, quando ainda brincávamos sem nos preocupar com a intensidade dos raios solares, íamos para o rio das Velhas, que passava perto lá de casa. O cheiro de mato verdinho adentrava em nossas narinas. O céu azul límpido irradiava felicidade.

Ah, como era gostoso! Saíamos correndo e *tchibum!* Caíamos na água, nadávamos como peixinhos, flutuávamos sobre as águas que ainda não haviam sofrido os efeitos da poluição e chegávamos a adormecer, recebendo aquela brisa suave misturada ao calor do sol.

Então, já cansados e famintos, íamos fazer a festa nos pés de jacas, subíamos nos mais altos galhos daquela frondosa árvore e saíamos de lá fartos. Como não tínhamos compromisso com horário, retornávamos ao rio para pescar.

Quando me lembro disso, lágrimas vêm aos olhos, pois aquele majestoso rio, palco das nossas peraltices de criança, transformou-se em um pequeno riacho ofegante, que insiste em ressurgir após cada temporada de chuva. Mas nada ã altura do que era antes. Naquela época, ele corria solto, tanto é que uma das nossas brincadeiras prediletas era disputar quem conseguia chegar à outra margem.

Nisso passávamos quase o dia inteiro.

Naquelas águas claras e límpidas perdíamos tempo a observar a briga dos peixes que disputavam os farelos que atirávamos na água. A ansiedade tomava conta de todos nós. O coração acelerava de tanta felicidade e quando um ingênuo peixinho caía em nossas mãos era uma folia! Não víamos o tempo passar. Só percebíamos quando o céu começava a escurecer, em um belo pôr do sol, levando consigo aquele lindo dia de diversão!

Mas o tempo passou, e a infância marcante desse ribeirinho agora fica registrada apenas em minha memória. Um rio de águas límpidas, intermináveis dias de sol estão agora guardados em meu coração. Sinto saudades de uma época em que meus netos não terão a oportunidade de viver, de um tempo mágico, cheio de alegrias e encantos.

Minha maravilhosa infância!

(Texto baseado na entrevista feita com o sr. Joaquim Santos Cunha, 53 anos.)

Memórias literárias

Minha vida de menina

Aluno: Cícero Augusto Carvalho Abreu

Durante minha vida em Graça sempre fui uma garota agitada. Lembro-me de que eu e minha melhor amiga gostávamos de passear pelo mercado municipal recém-construído, mas muito diferente do de hoje: o teto era feito de palha, sustentado por um tronco enorme. Passeávamos por lá por não haver outra opção e também para paquerarmos os meninos.

Nascemos quase juntos: eu e o mercado. Somos uma coisa só, mas não estamos nos livros, televisão ou qualquer documento. Estamos na memória que marcou minha adolescência. Às vezes sinto saudades daqueles tempos, quando tudo era mais tranquilo, não havia quase motos ou carros nas ruas.

Ao chegar em casa, ajudava minha mãe a fazer chapéu. A palha utilizada cortava meus dedos, mas era a única forma de ajudar na renda familiar, garantindo dinheiro para, quando chegassem os festejos, comprar tecido para fazer os vestidos.

Estudava à tarde com a professora Iracy, mestra muito severa. Minha mochila era um saco de arroz, em que levava um lápis, a cartilha do ABC e uma tabuada. Meu pai me colocou na escola, e meus irmãos também, para aprendermos a ler uma carta e fazer outra. Eu era craque na leitura e não gostava da tabuada, mas estudava muito para não apanhar de palmatória. Nunca apanhei da professora, pois ficava bem quietinha. Durante o recreio, ela mandava-nos capinar o mato que crescia ao redor da escola, tarefa que julgava enfadonha, pois minhas mãos às vezes inchavam.

Quando chegava da escola já era quase hora do jantar. Comíamos feijão com farofa de toucinho. O gosto não era bom, mas de tanto comer já havia me acostumado. Raramente comíamos carne ou biscoito, e só tomávamos refrigerante quando caíamos doentes.

Nas festas não havia bebidas alcoólicas, só o arico-rico – suco industrializado em pó colocado em garrafas –, que tinha que ser dividido com os amigos, proporcionando momentos de alegria e confusão.

Apesar das secas, minha família nunca passou fome, pois meu pai criava capotes e cabras; por esse motivo não nos faltava leite. Raramente chovia, mas quando acontecia era o maior alvoroço! Todos corriam em busca de baldes para armazenar água e eu ainda brincava com as outras crianças na chuva. A água que caía do céu era fresquinha, contrastando com a terra quente, e quando se misturavam produziam uma fumaça que causava um clima de mistério. A forte chuva formava um pequeno lameiro, que, misturado à terra, parecia um rio de chocolate. A magia da água tocando o meu rosto era muito forte. Nessas horas o trabalho era esquecido.

Naquele tempo, a chuva era a maior alegria e a rua transformava-se em um mundo fantástico. Além das brincadeiras no lamaçal que escorria pela rua, modelávamos panelinhas de barro para brincar de comidinha, fazíamos bonecos de sabugo de milho ou casca de melancia, construíamos casinhas e redes de palha para pasturar o roçado...

Quando não chovia era uma tristeza de dar dó, não havia mais a magia e sobrava tempo para brincar pela manhã. Então, eu e a minha turma nos reuníamos nas casinhas de palha. Lá construíamos brinquedos, conversávamos, fazíamos comidinhas de frutas e inventávamos histórias cheias de mistérios e paixões.

Nossa vida se enchia de alegria, que vinha de muitos momentos: das brincadeiras, da escola, da família e de quando chovia. O fim da história? Não sei, porque ainda vivo. Enquanto viver, minhas memórias nunca irão acabar.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Maria Nonata de Abreu, 58 anos.)

Memórias literárias

Gotas de chuva... leve barulho da saudade!

Aluna: Saionara Aparecida Sant'Ana dos Santos

Mais uma vez sinto o calor da lembrança, e o calafrio da saudade... Meu ser anuncia a hora de relembrar o maravilhoso tempo de criança, as ideias inesquecíveis, brincadeiras memoráveis e contagiantes daquele tempo...

Bons tempos aqueles: morávamos num lugar pequeno, cheio de matas e animais, casas rústicas, construídas pelos moradores com paredes de pau a pique – um trançado de ripas como estrutura para fixar o barro batido nos buracos. Hoje as casas são de alvenaria, as matas desapareceram e com elas os animais. O lugar é chamado de Córrego Baixo Moacir, município de Governador Lindenberg, interior do Espírito Santo.

Naquela época, com movimentos rápidos das mãos, víamos a agulha franzir o babado: era nossa mãe costurando nossos vestidos para irmos à missa aos domingos. Nossos olhares de crianças puras brilhavam feito pequenas esmeraldas, curiosos em saber qual seria o modelo mais belo. Agora o carinho das mãos habilidosas de nossa mãe foi substituído pela frieza das máquinas. Logo após a missa, na estrada de terra – esta pelo menos ainda existe! –, voltávamos a pé e lá de longe já sentíamos o cheiro do frango caipira, coradinho com a tinta retirada dos fartos pés de urucum que vovô socava no pilão. O frango era acompanhado pela polenta, uma herança da cultura italiana. O aroma que vinha da janela da casa da vovô era convidativo e fazia com que apressássemos o passo.

Eu estimava os dias de chuva, quando bastava ouvir um leve toque anunciando que a festa ia começar. Era só abrir a porta e meus amigos transformavam-se em “campainhas”, cujo barulho de felicidade era demonstrado aos berros, ao sentir o prazer de cada gota caindo sobre seus corpos, que refrescava a alma. A chuva caía vagarosamente e num passe de mágica transformava-se numa cachoeira em gotas. Mas nós não estávamos satisfeitos e bastava a distração dos familiares para que corrêssemos estrada afora e de poça em poça descobríssemos mais um mistério. Esses eram os dias de que mais gostávamos: os mágicos dias de chuva, que hoje já não são tão frequentes.

Já nos dia em que o sol recobria o telhado de palha de coqueiro, feito por nossas pequenas mãos, nossa diversão era construir nossos próprios brinquedos. Tudo era utilizado: pequenos frutos e pedaços de gravetos. Carretéis e madeira eram usados para fazer os carrinhos, também brincávamos de bonecas costuradas com palha e sabugo de milho colhidos no quintal, o que hoje já não acontece, pois as crianças de agora pensam somente nos brinquedos falantes, jogos eletrônicos e em tudo o que não desperta a curiosidade, a inteligência, e faz com que não usem suas mãos para inventar e construir, preferindo apertar somente um botão.

Nos fins de semana, reunia os amigos para colhermos frutos e degustá-los. Uma delícia! Hoje os frutos são poucos e quando não contaminados pelo excesso de agrotóxicos nas lavouras. Nossas roupas branquinhas passadas a ferro em brasa – até então não existia energia elétrica –, os vestidos engomados com uma mistura de água e polvilho, muito usada na época, estavam completamente sujos, o que nos rendiam alguns sermões de nossas mães. E, assim, após o banho, eu ia à casa da vovó ouvir o vovô contar histórias relembrando seu passado, suas memórias, que me faziam adormecer em sonhos, saboreando as primícias de uma infância bem vivida.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Olga Bertti Sant'Ana, 68 anos.)

Memórias literárias

Luz, fé, sabor e ação

Aluna: Priscilla Nicola Silva

Impossível esquecer-me da linda cidade onde passei toda a minha vida. Quando pequena, recordo ser também a cidade uma criança que começava a crescer junto comigo. Luz! Os postes de madeira foram colocados nas poucas ruas da minha cidadezinha. Eu ficava maravilhada com aquelas “estrelas” tão próximas, possíveis de serem tocadas. Os adultos diziam: “É obra do governo, o progresso chegou”. Acostumados com a novidade, voltamos à nossa rotina.

A Igreja Matriz: pedacinho do céu mesmo, sabe por quê? Foi construída pela comunidade, cada um cuidando da sua maneira; com o que podia e com seus respectivos talentos. No ano de 1920 ficou totalmente pronta. Nas paredes e no teto, passagens bíblicas que retratam a vida do nosso padroeiro, São João Batista. A imagem que mais me impressionava era a da cabeça de São João numa bandeja. Mamãe me explicou o motivo que levava o

nosso santinho à morte. Eu sentia medo, pena, e ficava profundamente triste com tanta maldade. Terminada a missa, bastava sair da igreja para os meus sentimentos começarem a mudar. Ali o cheiro da comida mineira dominical alvoroçava minha vontade de comer. Era perceptível o cheiro da macarronada, do frango caipira e do doce caseiro, que era meu maior desejo. Como eu gostava de doces! E por me lembrar de gostosuras me vêm à memória as festas de São João. Noites claras, enluaradas, enfeitadas e temperadas com brincadeiras, leilões, guloseimas, bingos e barraquinhas. Eu não tinha dinheiro para comprar nada do que via; no entanto, papai trabalhava mais do que nunca nessa época para, ao menos, comprar para mim e meus irmãos um lindo e saboroso cartucho recheado com os docinhos que faziam um rio correr na boca.

Outra diversão daquele tempo era participar das brincadeiras do circo. Constantemente, nossa cidade recebia a visita de parques e do circo Lexo-Lexo. Confesso que tinha enorme preferência por este último! Ali, no terreno onde montavam aquela tenda, meus sonhos se erguiam também. Nos teatros, eu era sempre uma personagem. Faltava um autor, outro ator, eu e meu irmão Antônio tínhamos o que fazer; corríamos em volta daquele circo o dia todo e nos divertíamos muito, pois quando entrávamos em cena o circo já estava lotado. E era possível ouvir alguém dizendo: “Olha, os filhos do Filipim”. Eu me sentia bastante orgulhosa, quase me esquecia o que tinha para representar, mas aí era que todos gargalhavam...

Hoje, apesar da saudade daqueles tempos, vejo com grande satisfação as mudanças desta cidade. Lugar tranquilo, terra de amigos que não se encontram em canto nenhum. É uma cidade pequena, se comparada a outras, vizinhas, mas posso garantir que é aquela que se destaca por sua beleza, pelos recursos e empregos e por sua gente tão capaz e competente, gente feliz.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Terezinha Peres da Silva Nicola, 65 anos.)

Crônica

A Pipa, o Bispo e o Azul

Aluno: Ericles da Silva Santos

Ouvi barulho e vozes crescentes, um zum-zum-zum empestava o assentamento onde moro. Quanto mais pedalava, mais me embrenhava num corre-corre alucinado: meninos, mulheres, todos corriam para a frente do barracão. Que enxame é esse? Que cabrunco está acontecendo?

Era o Pipa! De novo o Pipa? Dessa vez ele tinha ido longe demais. Estava no alto do pau de sebo, quase pendurado no topo. Aquele mastro tinha sido colocado ali dois dias antes. A festa ia acontecer no final de semana: algodão-doce, corrida de ovo e pau de sebo.

“Desce daí, seu doido!” Uns jogavam areia, pedras...

O Pipa era mestre na arte de fazer papagaio. Quando não estava na roça ajudando os pais, estava viajando nas asas das pipas. Ele se isolava. Dizia que gostava da solidão. Solidão a três: ele, a pipa e a imaginação... Logo eram seis e depois eram muitos...

Era diferente. Era mesmo feio. Chamava-o de louco. Particularmente, ele tinha algo que me fascinava. vez em quando soltava um sorriso azul.

O artista de caçar passarinho e criar pipas estudava comigo, e na mesma sala. Outro dia, na escola, o professor falou do filho mais ilustre da nossa cidade: Arthur Bispo do Rosário. Um misto de desapego e curiosidade tomou conta da turma. Pipa foi um dos que deram uma chance ao professor. Ouviu tudo atentamente. O professor falou da importância de a gente incorporar o Bispo como elemento nosso. Ele lhe disse que somos conterrâneos do homem e desconhecíamos sua obra, o seu valor, a sua história. “As pessoas passam pela estátua do Bispo, na entrada da cidade, e falam mal, e como falam mal: louco, preto, feio e pobre”.

Então ele nos pediu que acrescentássemos a palavra “gênio”.

— Gênio?

Aí o Pipa gritou: “Louco, preto, feio, pobre e gênio!” E riu! Riu tanto que tumultuou a aula. Subiu na carteira e foi só presepada, muganga. Imitava o Bispo do Rosário, com altas doses de esquizofrenia.

“Quer levar um sopapo, menino? Está ficando mais besta ainda. Deve ser a escola! Já disse que Jamerson nunca foi bom da cabeça. E está piorando!”, gritava o pai, meio desesperado.

“Não ligo, não! Sei que não sou gênio, mas sinto dentro de mim que sou diferente, que vejo muito diferente dos meus irmãos. Eles não me perdoam por isso. Só minha mãe. Ela é a minha Nossa Senhora, sempre generosa.”

“Desce daí, meu filho! Você vai acabar matando sua mãe! Gente, ajude aí! Meu Pipa é sonâmbulo. Ele está dormindo.”

Quando me viu no meio da multidão, fez cara de súplica. Não me fiz de rogado! Joguei a bicicleta e desbravei aquele pau de sebo. Não tive dificuldade. Aquele mastro já me conhecia. Agarrei o meu amigo pela cintura, a multidão uivou, berrou, decepcionada.

Parecia um anjo de olhos cerrados. Tremia os lábios, soltava gaitados. Na mão esquerda uma pipa azul. Resmungou. Abraçou-me. “Quem é que está aí? Qual é a cor da minha aura?”

Crônica

O afago inesperado

Aluna: Caroline de Farias Couto da Silva

Estava sentada havia horas no banco desconfortável da Praça da República, centro de Valença, pertinho da Rua Deocleciano Gomes, onde moro. Nada me chamava a atenção. Apenas o cansaço e o sono me tomavam. Três semanas de avaliações e trabalhos escolares esculpidos na minha postura encurvada e no meu olhar caído. De súbito, o som de buzinas me fez despertar para um engarrafamento que estava acontecendo na minha frente; nada incomum: uma fileira de carros de variadas cores e diversos modelos, novos e velhos, motoristas estressados e impacientes.

Já voltando a abaixar o olhar, um garoto passa correndo em direção à rua. Passaria despercebido por mim, como tantos outros, jeito malandro, roupas velhas, pouca idade (entre oito e dez anos) e uma caixa que trazia nas mãos. Contudo, não foi assim dessa vez. Minha curiosidade feminina foi aguçada e me fez observar o que fazia ele indo em direção aos carros. Parou ao lado de um veículo prata e fez sinal para que abaixassem o vidro fumê. De imediato pensei que se tratasse de um assalto, mas logo desisti da ideia, pois havia muita gente no local e era apenas uma criança.

A realidade é que a infância está bem mais curta em nosso país, principalmente para os mais pobres. Na minha cidade esse triste fato pode ser fotografado nas ruas. Mas ainda custa admitir e aceitar isso. Bom, no carro, uma senhora aparentando mais ou menos sessenta anos, aparência cativadora e rosto bondoso, perguntou com tranquilidade o que ele desejava. O garoto abriu jeitosamente a caixa e mostrou-lhe. Curiosa, me perguntei: “O que há ali dentro?” Estiquei-me um pouco e vi balas, jujubas e pirulitos. A senhora, como eu, fez uma expressão de agrado, deixando o garoto animado. Entregou algumas moedas a ele, pegou umas balas e, num gesto amável, alisou os cabelos enrolados, curtos e pretos do menino. Nesse momento, ele parecia estar no melhor de todos os lugares. Fui contagiada por aquela sensação. Em seguida, ela fechou o vidro. O menino ainda estava parado e feliz quando foi despertado por uma garotinha, também com uma caixa na mão, que o impeliu

a continuar o trabalho. Como saindo de um sonho, o menino seguiu para o próximo carro no qual havia uma jovem. Ao ver os doces, ela afirmou não ter dinheiro. Nesse momento a surpresa: "Então você passa a mão na minha cabeça?", perguntou o garoto.

A jovem ficou espantada. Novamente sons de buzinas. Ela deveria seguir, pois o semáforo deu passagem. A moça partiu. Foi-se também o menino. Ficou em mim a emoção e a consciência da carência afetiva dos meninos do lugar onde moro, meninos que, apesar de trabalharem o dia inteiro sem garantia de dinheiro, não passam horas sentados, lamentando cansaço e sono, como eu. Nesse dia aprendi que sou dramática.

Professor: José Moacir Fortes Saraiva

Escola: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia • Cidade: Valença – BA

Crônica

A quadra velha

Aluno: Gabriel Batista da Silva

Aqui no lugar onde vivo não tem cinema, *lan house*, discoteca... aqui tem cavalo, rio, cachoeira, gente que conta histórias... E, acima de tudo, aqui tem uma quadra. Uma quadra velha. Velha e pequena, só tem espaço para seis jogadores de cada lado. Uma quadra velha e pequena onde cabe inteira a nossa imensa alegria.

Ali a bola rola, enrola, rebola, embola, solta, samba, sapateia... Ali vale tocar a bola de chuteira, de chinelo ou de pé no chão. Ali vale jogar menino, menina, velho, magrela e gordão. Vale entrar de sola, de carrinho e até de bicão. Vale arrebentar o joelho, arrancar a ponta do dedão... tem gol contra, bola murcha e bola fora.

O que importa é que quando a bola rola na quadra velha o mundo para. As árvores e as casas espiam. As pessoas que passam pela estrada de terra não resistem, param, assoviam, batem palmas. Os moleques perdem a hora que se perde no tempo. Cada pai vê em seu filho o grande craque e sonha com seu menino na seleção. Quem sabe 2014...

Ali, na quadra velha e pequena, adormece a tristeza, o cansaço, a desilusão... ali os homens se esquecem dos calos, das dívidas, das dores... ali os meninos são magos, são livres, são pássaros: transcendem, voam... Ali não tem zero, não tem senão. Só tem bola no chão. Ali eles são uma bandeira verde e amarela hasteada no sertão.

Isso, até que chega a noite escura e sombria. Ela, revestida de negro, faz arriar o sonho, despe a fantasia, cala a poesia.

Amanhã tem trabalho, tem escola. Dói o calo, o joelho incha, o moleque chora. E a quadra fica de fato velha e pequena. Fica ali, triste, silenciosa, no escuro. Fica ali à espera de que os meninos voltem logo e ressuscitem o momento mágico.

Crônica

Eu, tu, eles e nós

Aluna: Sara Viviane Almeida de Oliveira

Não diria que esse fato é comum apenas onde moro, porque não é. Mas, em meio a essa euforia ufanista e ao otimismo em que nosso país se encontra, diria que as pessoas preferem vendiar seus próprios olhos para não vê-los em qualquer lugar: tentar mantê-los, de alguma forma, escondidos em becos têtricos; ignorá-los até é muito comum. Eles não parecem importantes, mas estão sempre lá, quer você os veja, quer não.

Eu particularmente prefiro não ir a festas. Parece-me um mundo à parte comandado pelo nosso mundo, e essa junção me aterroriza. Na ocasião a que me refiro, porém, estava eu na feira promovida pelo município para comemorar sua emancipação política, a Finecap. Não me orgulho de dizer-lhes isso, mas aquela foi a primeira vez que eu notei que eles existiam. Certamente, muitos deviam ter percebido antes de mim, mas em uma festa tão importante quem se importaria com eles? A noite seria longa para todos... Para eles, principalmente.

Estava eu em uma barraquinha de sorvetes que ficava no centro da feira, próximo ao palco. Meus pais pediram uma pizza, um sorvete para mim e minha irmã, pizza novamente, mas para meu avô. Sentei em uma cadeira de ferro dobrável próxima a uma mesa amarela, já meio enferrujada, de modo que ficasse de frente para as pessoas. O vento começava a ficar frio com a chegada das altas horas, porém mais e mais pessoas chegavam conforme os ponteiros do meu relógio avançavam. Alguns olhavam os estandes, outros, como eu, ficavam com a família em barracas de lanche, enquanto a grande maioria esperava a chegada das bandas que iriam tocar. É sempre assim. Ninguém vem pelos eventos culturais, apenas para dançar até o dia seguinte.

Enquanto tomava meu sorvete e minha família conversava, passei a observar o ir e vir incansável das pessoas. Eram muito diferentes, percebia-se logo; entretanto, estavam todos vestidos com o mais apurado esmero; compraram perfumes franceses especialmente para a ocasião. Meninas de chapinha e de *jeans* muito justos, maquiagem e sempre alguma

bijuteria. Os garotos passavam conversando, com seus cabelos moicanos reluzentes pelo gel, exibindo seus tênis novos em folha. Crianças com suas roupinhas infantis recém-compradas diante da aglomeração e dos vendedores de pulseiras brilhantes, sempre de mãos dadas firmemente com seus pais. Os adultos, também elegantes, esbarravam vez por outra neles, os únicos com roupas gastas e desbotadas. Não pediam desculpas. Seguiam em frente como se não valesse a pena olhar para trás, ou mesmo para a raquítica mão estendida que pedia tantas vezes uma moeda.

Os garotos magrinhos passavam carregando sacolas repletas de latinhas de alumínio que amassavam com os pés. A tez morena era quase unânime, variando bastante nos tons. Os cabelos negros, despenteados e malcuidados, balançavam ao vento por precisarem já de corte. Alguns usavam sandálias visivelmente velhas e desgastadas. Muitos andavam de pés descalços. Carregavam no olhar inquieto contraste: a esperteza que eram obrigados a ter para sobreviver e, ao mesmo tempo, temor.

Eles eram muitos, por toda parte. Anônimos em meio a tanto garbo, procuravam meios de superar suas não poucas dificuldades, em silêncio. Não reclamavam de parecerem invisíveis.

Voltei a mim quando minha mãe me chamou para irmos assistir ao *show*. Percebi que o sorvete acabou derretendo. Não importava. Nesse momento, a minha venda acabara de cair, e se manteria assim desde que o espectro do egoísmo não voltasse a reatá-la.

Lembro-me de que no dia seguinte falei sobre todos eles a quem eu conhecia, para que também suas vendas caíssem e passassem a valorizar a existência desses que por aí vivem como se não fossem também parte de nós. Talvez, se o fantasma do egocentrismo voltar a assombrá-los, terão para combatê-lo uma certa luz denominada solidariedade, que orientaria não só eles, mas você, eu, nós.

Crônica

Bar doce bar

Aluna: Luana Jaques Santos

O dia é incansável e não termina. O sol ainda resiste e tinge de vermelho os olhos de quem ficou no boteco o dia todo. O bar está cheio de homens, a maioria maduros ou apenas envelhecidos. Uma criança passa, compra duas balinhas e vai embora. Mulheres só passam o olho lá dentro e quase nunca entram. Para os bêbados de plantão tudo é normal e sempre igual.

Não sei se são notados. Penso que só por alguns. Há aqueles que os cumprimentam. As pessoas se acostumam a vê-los sempre ali, cartas marcadas, vidas marcadas. São os ex. Ex-maridos, ex-alunos, ex-trabalhadores. Agora são exilados e se tornaram excluídos.

No passeio está o Tesourão, o cachorro que fez da rua sua moradia. O bêbado, o cão, rumos perdidos e solidão.

Nossos bares... Neles os amigos se encontram, jogam conversa fora. É onde uma mãe passa e compra um lanche para o filho. Onde o retireiro toma um café fresco e saboreia um pastel quentinho.

Na praça histórica da pequena cidade os bancos estão ocupados. São funcionários públicos, lavadores, balconistas. São comerciantes, artesãos, pedreiros, motoristas. O dono da Sinuca, o bar mais antigo, enquanto vende, vai instruindo os fregueses a desenrolar papéis: INSS, inventários, exames médicos. Às vezes ganha um frango em troca. Outras, um muito obrigado. E sempre amizades. Se chega um forasteiro, dá dicas dos pontos turísticos. É um guia no balcão.

No bar do Dirceu, os aperitivos acompanham os desabafos dos bêbados. As rodas de viola dão o tom para o sol se esconder de mansinho e dar lugar à lua tímida. Especial, especiaria, som saboroso para o fim do dia.

No outro bar, o balconista é ouvido por toda a praça. Daniel, voz estrondosa. Deve ser por isso que eu também falo alto, herança dele, meu pai. Aquele jogo clássico reúne homens que cercam o balcão. Estão ansiosos demais para se sentarem. Tudo é discutido, desde o gramado sintético até o gol irregular. As cadeiras esperam pacientes para o carteadado. Aconchegante, relaxante cantinho.

Cada boteco tem sua personalidade, seu carisma. Mas em dia de procissão todos eles cerram suas portas pedindo bênção ao santo. Com respeito, as pessoas enfeitam as janelas de suas casas e a banda de música embala a legião de fiéis. É bonito ver como o povo participa.

Nos bares o espaço é democrático. É onde as ideias de todo mundo são apresentadas e jogadas a todos os ouvidos. Em volta de uma mesa, todo assunto se resolve: os problemas do mundo e tudo o mais. É a filosofia do botequim. Estamos falando de uma tribuna popular. Quer debater? Pode ir lá. É política, futebol, bipolaridades. Ali é prestado serviço de comunicação: a boca pequena todos ficam por dentro das novidades. Quem chegou, quem partiu, morreu, brigou ou separou. Também eu deixo meu rastro marcado e vou a um desses bares, apanho o meu *Folha das Vertentes* e, a passos largos, volto para casa para ler a coluna do cronista, este “poeta do cotidiano”.

O dia se vai assim e as portas só fecham depois de toda a cidade, tão calma, ter adormecido. E a rotina faz dali a segunda casa de muitos homens. Bar doce bar. Ele exerce papel fundamental na cidadezinha. Nele todos se tornam iguais e se unem para poder suportar a rotina do ilusório.

Artigo de opinião

Desenvolvimento?

Aluna: Rossana Dias Costa

No Brasil, a cada dia tornou-se comum a ocorrência de problemas ambientais de várias ordens. Na Cidade de Pedra Lavrada, no interior da Paraíba, ultimamente não tem sido diferente. No momento, a maior preocupação dos habitantes é com relação à empresa mineradora “Elizabeth”, que há quase uma década, vem explorando as riquezas minerais do município, principalmente o cianeto, matéria-prima utilizada na fabricação da cerâmica e da porcelana.

No período de implantação dessa mineradora aqui na cidade, governantes e empreendedores afirmavam que a empresa só traria desenvolvimento para o município, benefícios para a população, oportunidade de empregos para muitos jovens, aumentando assim, a renda das famílias e conseqüentemente, trazendo lucros para os cofres públicos.

Entretanto, podemos afirmar que não tivemos apenas benefícios, as conseqüências desastrosas logo começaram a surgir com mais rapidez e intensidade do que se esperava. A instalação da fábrica para a extração das pedras brutas resultou numa série de problemas ao meio ambiente, como desmatamento de uma enorme área de vegetação nativa, fuga de animais e aves silvestres, poluição de açudes, do solo e do ar.

Com o passar do tempo, essa trágica situação se agravou cada vez mais. Hoje, as casas do centro da cidade e as que ficam nas proximidades dessa fábrica encontram-se com a estrutura comprometida, devido aos abalos provocados pelas enormes explosões para a retirada das pedras. Isso sem falar na poeira que é lançada sobre a cidade, além dos produtos químicos provenientes do material explosivo.

Um outro problema resultante desse empreendimento são as péssimas condições das estradas que servem de acesso para o transporte do material. Devido ao peso transportado pelas carretas, as estradas que já não tinham manutenção, só pioraram. Embora a população se sinta prejudicada, ela se cala, pois as várias denúncias feitas à justiça não foram atendidas, e a empresa continua agindo da mesma forma.

É certo que outras empresas mineradoras já se instalaram antes no nosso município, mas nenhuma delas com o porte da Elizabeth. Por isso não danificavam tanto o meio ambiente como a atual vem fazendo. À medida que ela vai se expandindo para outros pontos do município, vão também aumentando os problemas locais.

Para essa empresa não continuar causando tantos impactos ambientais, os moradores esperam que ela invista em projetos ambientais, sociais e culturais, além de disponibilizar meios reparadores para as famílias prejudicadas e oferecer melhores condições de saúde e de segurança aos seus trabalhadores. Não é certo que a população se prejudique tanto para que uma grande empresa se beneficie, enriquecendo cada vez mais.

Ao meu ver, não há necessidade de uma empresa destruir tanto nossas riquezas naturais, além da nossa história. Se não agirmos enquanto é tempo, a Serra dos Albinos e o Picoto, nossos patrimônios naturais mais belos, serão destruídos.

Por outro lado, sei que a nossa população precisa de uma renda fixa e nosso município de desenvolvimento, mas é necessário, e urgente, a execução de projetos que visem à valorização de bens culturais, sociais e ambientais, equilibrando, assim, desenvolvimento e natureza.

Resta-nos, portanto, esperar que as autoridades ajam, encontrando de fato soluções que preservem nossa história, e nossos bens naturais, uma vez que, a população deseja, sim, o desenvolvimento do município, mas também melhor qualidade de vida.

Artigo de opinião

A violência adentrou os muros de nossas escolas. E agora?

Aluno: Mateus Albuquerque de Souza

A violência pode ser designada como uma transgressão da ordem e das regras da vida em sociedade, e esse conceito se aplica com eficácia ao que tem se visto ultimamente em nossa Cruzeiro do Sul, cidade que, apesar de pequena, já vivencia tramas outrora associadas mais a grandes metrópoles, como assaltos, assassinatos, estupros, entre outros.

Essa nova realidade que temos vivenciado é preocupante, mas se torna ainda mais assustadora quando percebemos que a escola, espaço antes reservado à formação de cidadãos aptos para atuar de forma ativa e pacífica, no meio social, também está sendo invadida por ocorrências policiais. Além das já conhecidas depredações, vandalismos e agressões verbais, agora é a vez da agressão física, como bem pode exemplificar o caso da aluna de 14 anos agredida e esfaqueada pela colega de turma da escola Thaumaturgo de Azevedo.

Esse fato em específico, bem como os casos de elementos armados em busca de vítimas no interior da Escola Craveiro Costa, tem preocupado a população cruzeirense de forma geral. A pergunta que eu faço é: “Podemos fazer algo para mudar essa realidade?”.

A voz de quase todos apela para a presença de seguranças armados nas escolas. Outros acham que é a educação para a paz que pode resolver o problema. Ainda há aqueles que veem a família como a chave da resposta, desde que volte a assumir seu papel de educador. Os mais descrentes na ação humana dizem que só Deus para reverter a situação.

Para a diretora da Escola Craveiro Costa, Maria Sonia Matos Bandeira, a violência é um problema da escola e de todos, mas não aceita que a repressão resolva. Segundo ela, a parceria com os pais de alunos e com o conselho tutelar e a presença de psicólogos e assistentes sociais no ambiente escolar seriam as principais ferramentas a serem usadas no combate que empreendemos atualmente.

André Kamai, assessor do governador Binho Marques, entende que o maior poder de interferência nessa realidade está nas mãos da escola. Diz que ela deve intervir na vida dos jovens de forma direta e em sua plenitude, para que dessa forma o jovem se sinta parte da escola porque nela constrói seu projeto de vida.

Pessoalmente, acredito que esse seja definitivamente um problema de todos e todas as formas de atuação que pensamos poder resolvê-lo devem ser postas em prática o mais rápido possível. Por isso, considero positivas ações como a passeata realizada há poucos dias pelas escolas Maria Lima e Craveiro Costa nos bairros onde estão instaladas, Remanso e Cohab, considerados os mais violentos do município e que interferem no dia a dia dessas escolas, através de vândalos e agressores que invadem as suas dependências.

Sou também a favor da criação de uma guarda escolar que atue no sentido não de reprimir ou intimidar, mas de garantir a harmonia na escola e nos arredores dela. Apoio ainda a presença dos pais nos colégios, a iniciativa de oportunizar aos estudantes a sugestão de medidas que considerem capazes de apaziguar os ânimos dentro da instituição em que estudam e principalmente trazer diferentes profissionais que reconhecidamente possam assegurar aos educandos uma oportunidade de serem ouvidos nas suas angústias.

Não concordo em absoluto com os que acham que só Deus pode resolver a situação, ou seja, que todos cruzem os braços achando que não tem mais jeito. Temos que acreditar no amanhã e na força do nosso trabalho consciente; se não acreditarmos nisso, então para que esse grandioso projeto, repleto de paixão, sonhos e esperança, que é a educação. Estamos falando do futuro – isso não é brincadeira!

O problema, como já foi dito, é de todos; então toda a sociedade cruzeirense (para ficar mais restrito) deve cumprir seu papel no sentido de formar nos jovens a cultura da não violência, restituindo à escola, a paz que antes reinava dentro de seus muros, e, assim por consequência, estaremos alcançando também seu além-muro.

Artigo de opinião

Lobos disfarçados de cordeiros

Aluna: Marcia Santiago dos Santos

Arapiraca, principal cidade do agreste alagoano, popularmente conhecida como “Terra do Fumo”, apesar de ser a segunda maior cidade do Estado e atualmente passar por um processo de desenvolvimento socioeconômico muito rápido, mantém viva uma tradição religiosa muito fervorosa, preservada pela maioria de seus habitantes, que são católicos. No entanto, nos últimos meses, nossa cidade teve sua fé abalada devido a um fato que chocou não só a sociedade arapiraquense, mas o país inteiro.

Em março deste ano foi exibido nacionalmente, por uma emissora de grande porte, um vídeo que denunciava um caso de pedofilia envolvendo padres da Igreja Católica de nossa cidade, provando algo que vem acontecendo há muito tempo no mundo todo e que, até então, só se tinha como prova a palavra das vítimas contra a dos “santos padres”. Esse acontecimento fez reacender uma antiga polêmica, levando a sociedade a questionar-se acerca do fim do celibato como principal medida a se tomar para erradicar a pedofilia e o homossexualismo na Igreja Católica.

A sociedade, abalada com essas revelações, devido ao fato de um dos padres envolvidos – de mais de 80 anos – ser visto como uma santidade por muitos em nosso Estado, mostra-se em sua maioria a favor do fim do celibato. Em um artigo para o jornal *Le Monde* o renomado teólogo católico Hans King, suíço-alemão, presidente da Fundação Ética Mundial, se pergunta: “Qual é a melhor formação para as gerações futuras de padres?”, e ele mesmo responde: “A abolição da regra do celibato, raiz de todos os males, e a abertura da ordenação às mulheres”. Para ele o celibato é a principal causa dos escândalos ocorridos na Igreja e pelo déficit do número de padres.

Entretanto, do meu ponto de vista, o celibato não deve ser abolido da cultura da Igreja Católica, e nem pode ser associado à pedofilia, pois um não leva conseqüentemente ao outro, ou seja, uma pessoa não se torna pedófila por ser celibatária e sim porque, segundo especialistas, essa pessoa possui um distúrbio psicológico que aguça esse desejo sexual por

crianças. Sendo assim, mesmo que o celibato chegue ao fim e os padres possam assumir sua vocação sacerdotal contraindo também o matrimônio, não estarão livres desse distúrbio, podendo vir a ser um pedófilo mesmo sendo casado, tendo sua mulher e seus filhos.

Devemos nos lembrar também de todos os outros casos de pedofilia envolvendo homens casados e até pais que abusam sexualmente dos próprios filhos. Além disso, acredito que essa tentativa de associar a pedofilia ao celibato seja um ataque direto à Igreja Católica, pois sabemos bem a influência que ela exerce, mesmo nos dias atuais, sobre os conceitos de moralidade e valores da população católica, que ainda é maioria no mundo.

Enfim, penso que, ao analisar essa questão tão polemica, devemos, sem dúvida, levar em consideração a cultura e a fé católica, pois não se podem julgar os preceitos da Igreja pelos erros de padres que não souberam escolher seu caminho, que não honraram a confiança que os fiéis depositaram neles ou que sofrem distúrbios como esse. Todavia, não se pode isentar a Igreja de sua responsabilidade de identificar esses padres e excluí-los da instituição, visto que não são mais exemplos de pastores para o seu rebanho, cabendo à Justiça a condenação pelos seus erros.

Dessa forma, espero que a cultura e a fé católica se recuperem de mais esse escândalo e a instituição passe a analisar melhor as pessoas que são colocadas a serviço de Deus, para que não haja mais casos como esse, pois é muito provável que, diante de todo esse apelo midiático, esses casos se exterminem, porém há outros, em nossas casas, escolas... casos estes em que as pessoas parecem ser cordeiros, quando, na verdade, são lobos disfarçados, como os padres de Arapiraca envolvidos nesse escândalo.

Artigo de opinião

O problema que ofusca o brilho

Aluna: Thairiny Cristiane Ribeiro

Localizada no interior do Estado de São Paulo, Limeira já foi muito conhecida por ser a capital da laranja e por abrigar a primeira fazenda que recebeu imigrantes como trabalhadores no final do século XIX. Com o passar dos anos, os setores que sustentam a economia de Limeira mudaram, e hoje a cidade tornou-se a capital da joia folheada.

Grande parte da população da cidade trabalha e sustenta suas famílias com a fabricação de bijuterias, que inclui solda, montagem e banho (tratamento químico que dá brilho às peças), com a comodidade de serem montadas em fabriquetas de fundo de quintal e banhadas em grandes ou pequenas empresas, clandestinas ou legalizadas.

No entanto, uma questão muito discutida aqui é o impacto ambiental causado principalmente por empresas não regularizadas, geralmente situadas em bairros da periferia da cidade. Por não terem condições básicas de funcionamento e pela ganância dos proprietários que só visam ao lucro e não tratam seus resíduos químicos, despejam tais substâncias, provenientes do processo produtivo dos folheados, diretamente no esgoto de Limeira. Como consequência disso, as águas fluviais da cidade apresentam grande quantidade de metais pesados, como cromo, níquel, cobre e chumbo – um risco para a saúde e o bem-estar dos cidadãos, que, em contato com esses metais, podem ser acometidos de problemas gastrintestinais, anemia, danos no sistema nervoso central, disfunção renal, entre outros.

Entretanto, são essas empresas poluidoras que mais empregam a população humilde da cidade, que por ter poucos recursos de renda e educação aceita trabalhar nessas fábricas, mesmo correndo riscos de contaminação, muitas vezes sem registro em carteira de trabalho e sem direitos básicos como décimo terceiro salário e licença-maternidade.

Já os proprietários alegam que os custos para o tratamento e regularização da empresa são altos, assim como as exigências para a legalização são absurdas, inviabilizando a produção.

De acordo com a Associação Limeirense de Joias (Aljoias), o custo para o tratamento de resíduos químicos é viável, até mesmo para as pequenas empresas, e o rigor é necessário para a legalização, já que esse setor expõe as pessoas a alto risco, direta ou indiretamente.

Do meu ponto de vista, deve-se investir em projetos educacionais de formação profissional para que esses trabalhadores possam competir no mercado de trabalho e exigir seus direitos. Também é necessário fiscalizar com eficácia, punir e até mesmo promover o fechamento dessas empresas que não tratam seus resíduos e, portanto, desobedecem às leis ambientais. Consequentemente, com a regularização e a profissionalização dos trabalhadores desse setor, a economia, a saúde dos cidadãos e a infraestrutura de Limeira melhorarão.

Todos querem brilhar: ao comprar uma joia folheada, os consumidores querem brilhar; as empresas, ao crescerem, gerarem empregos, aumentarem seus lucros, querem brilhar; o município quer aumentar os índices de desenvolvimento, e, portanto, também quer brilhar. Mas não podemos permitir que as nossas águas percam o brilho, afetando a saúde da população.

É claro que as medidas citadas não irão solucionar todos os problemas dos limeirenses com relação a essas empresas, mas, pelo menos, a tentativa para resolvê-los vale; afinal de contas, como dizia Karl Marx, sociólogo alemão, de nada valem as ideias sem homens que possam pô-las em prática.

Artigo de opinião

Caldas Novas que os turistas não veem

Aluna: Bianca Souza Soares

“Bem-vindos à maior estância hidrotermal do mundo.” Com essa frase o turista é saudado quando chega a Caldas Novas, no sul do Estado de Goiás. As belezas naturais e principalmente as águas quentes que brotam de dois aquíferos Paranoá e Araxá, a uma temperatura que varia de 37° a 57° transformaram essa pequena cidade em um dos maiores polos turísticos do Brasil. Assim, o turismo se tornou a base do desenvolvimento e da economia local.

Foi nele que milhares de caldenses viram a oportunidade de melhorar a qualidade de vida, trabalharam para isso – e trabalharam muito! Porém, vivem hoje uma injusta realidade. Os olhos que se deslumbram com os belos parques aquáticos em centenas de *outdoors* pela cidade não veem bairros da periferia sem ruas asfaltadas, nem mesmo água tratada e rede de esgoto, pois a maior parte do capital gerado pelo turismo não se transforma em infraestrutura para a população, mas em novas atrações para os turistas. Por causa desse caráter contraditório, já que desenvolve a economia do município, mas não beneficia a todos, há um conflito de opiniões entre os que aprovam e os que desaprovam a atividade. Desse modo, faz-se a seguinte pergunta: “O que é mais importante, a alta na economia que se dá pelo empreendimento turístico ou a organização social?”.

As opiniões favoráveis ao turismo são em geral dos grandes empresários, donos de hotéis e *resorts*, além dos comerciantes, ou seja, os que recebem diretamente o lucro deixado pelos visitantes do mundo inteiro. Alegam que o turismo faz a cidade crescer e ainda gera empregos. Isso é mesmo inegável, porém a mão de obra por ser abundante é desvalorizada e a carga horária muitas vezes extrapola a normalidade. “As águas quentes são para Caldas Novas o que as praias são para o litoral: essencial!”, diz Ricardo Pureza, gerente de *marketing* e vendas dos Jardins da Lagoa, ligado a um dos clubes mais tradicionais da cidade. Todavia, acredito que mais importantes que as águas termais da cidade são as pessoas que nela vivem e fazem sua economia girar.

Assim como eu, parte da população se mostra contrária, uma vez que a satisfação do turista é colocada em primeiro plano, esquecendo-se dos residentes locais, que em época de alta

temporada são submetidos a dias sem água encanada já que ela é direcionada a hotéis e clubes, que segundo o portal Caldas Web, recebem anualmente cerca de 1,5 milhão de pessoas.

É bem verdade que o turismo movimentou economicamente a cidade, o problema está nas inúmeras consequências maléficas que o mesmo gera, como por exemplo, o espantoso crescimento demográfico. Em 1991 havia 24.000 habitantes, hoje esse número aumentou para aproximadamente 70.000, o que resultou num agravante de proporção nacional o crescimento desordenado. Notam-se loteamentos irregulares, casas e hotéis em áreas de preservação ambiental e próximos ao aterro sanitário.

É perceptível que os empresários e as autoridades locais se preocupam apenas com os investimentos lucrativos que o turismo pode propiciar e menosprezam necessidades básicas da população, como o saneamento básico (apenas 25% do esgoto é coletado), a saúde e a educação.

E se política é a arte de governar nossos “artistas” estão um tanto quanto omissos a respeito de suas obras, porque está claro que assim como cresce o número de visitantes que a cidade recebe, também os problemas administrativos têm aumentado assustadoramente por conta da atividade turística, com uma analogia simplória explica-se a necessidade dos caldaenses: “Não dá para receber visitas com a casa desarrumada e o dono insatisfeito”.

Não sou contra o turismo, mas sim como ele é desenvolvido particularmente em Caldas Novas, beneficiando as pessoas de fora em detrimento dos moradores locais; além disso é perigoso para a cidade ser tão dependente de apenas um segmento econômico, pois se, por algum motivo (assim como o surto de dengue de 2008), os turistas optarem por outro destino todos serão fortemente atingidos. Assim a diversificação econômica é necessária.

Portanto, o capital proporcionado pelo turismo é importante, entretanto tenho plena convicção de que as necessidades básicas, os valores éticos e a dignidade da comunidade são mais importantes, como também uma administração consciente e preparada para usar os mecanismos de que necessitamos para desfrutarmos das tão apreciadas águas quentes com responsabilidade e justiça. “Logo, o dono da casa estará feliz em receber visitas e as esperará mais vezes”.